

Comissão do Congresso vai à Seplan

TARCÍSIO HOLANDA
Repórter Especial

"Esta é a mais importante armação econômica do Governo, nos últimos tempos" — afirmou, entusiasmado, o senador Ronan Tito, líder do PMDB no Senado, a propósito da Operação Desmonte, que pretende cortar um total de mais de 1 trilhão e 200 bilhões de cruzados nas despesas públicas do próximo ano para reduzir o déficit público.

O líder do PMDB no Senado e o relator da recém-instalada Comissão de Orçamento do Congresso, senador Almir Gabriel, almoçaram ontem com o ministro-chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, João Baptista de Abreu, e seu secretário-Geral, Ricardo Santiago, para discutirem formas de entrosamento do Executivo e Legislativo na feitura do Orçamento do próximo ano.

O entendimento de ontem do ministro do Planejamento com o líder do PMDB no Senado e o relator-geral da Comissão de Orçamento deteve-se "em aspectos macroeconômicos", como explicou Ronan. Os comensais discutiram formas de colaboração para que Executivo e Legislativo estabeleçam canais de entendimento na elaboração do orçamento de 1989.

Na próxima quarta-feira, o alto comando do Congresso almoça "num almoço de trabalho", com o ministro do Planejamento, João Baptista de Abreu e o secretário-geral Ricardo Santiago para detalhar as formas de colaboração. A esse almoço comparecerão, além de Ronan e Almir Gabriel, o líder

Ibsen Pinheiro (na Câmara), o presidente e o vice-presidente da Comissão de Orçamento, deputados Cid Carvalho (PMDB-MA) e César Maia (PDT-RJ) "para detalharmos um grande acordo".

Ronan Tito acredita que o Governo age acertadamente ao procurar adequar suas despesas à nova realidade de sua receita, fruto da redistribuição dos recursos públicos promovida pela reforma tributária que entrará em vigor com a nova Constituição.

Ronan Tito observava que o Produto Interno Bruto deve fechar este final de ano com 312 bilhões de dólares — 2,5 por cento de crescimento para um incremento populacional de 2,4 por cento. "É quase zero de crescimento econômico. Temos uma arrecadação líquida de 6 por cento em relação ao PIB, considerada muito baixa em comparação com países mais desenvolvidos", disse.

O ideal seria 12 por cento, mas essa elevação repentina não é praticável, neste momento, frisa o senador, com base em suas conversações com o ministro do Planejamento, que a exportação cresce em grande volume porque o País não tem mercado interno sequer razoável. E esse superávit crescente agrava a inflação, na medida em que o Governo é obrigado a convertê-lo em mais e mais cruzados.

O ministro confirmou a ele que o País está, este ano, com um déficit público de 3,9 por cento, sendo objetivo do Governo reduzi-lo para nível inferior a dois por cento, o que já seria uma grande façanha.